



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 2, maio-ago 2014

## “QUAL DOS DOIS?": MACHADO DE ASSIS ENTRE CONTO E ROMANCE



## “QUAL DOS DOIS?": MACHADO DE ASSIS BETWEEN SHORT STORY AND NOVEL

Amanda Rios HERANE<sup>1</sup>  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 10/07/2014 • APROVADO EM 13/08/2014

---

### Abstract

---

This paper discusses “Qual dos dois?” (1872/73), written by Machado de Assis. The categorization of the text is problematic, considering that it is classified as a “short story” in the complete works of the writer despite being called a “novel” within the narrative. In that sense, “Qual dos dois?” allows us to reflect upon possible border relations between “short story” and “novel” in Machado de Assis’ work. In order to do that, the characteristics of “Qual dos dois?” will be discussed based on a brief comparison of this narrative with *Ressurreição* (1872), consensually established as Machado de Assis’ first novel.

---

### Resumo

---

Este estudo propõe uma leitura de “Qual dos dois?” (1872/73), de Machado de Assis. A categorização do texto é problemática, uma vez que ele é classificado como “conto” nas obras completas do escritor, mas é denominado “romance” no interior da narrativa. Desse modo, “Qual dos dois?” dá ensejo a que exploremos possíveis relações fronteiriças entre “conto” e “romance” na obra de Machado de Assis. Para empreender essa tarefa, o estatuto de “Qual dos dois?” será discutido a partir de uma breve comparação desse texto com *Ressurreição* (1872), consensualmente estabelecido como o primeiro romance machadiano.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Machado de Assis. Short story. Novel. “Qual dos dois?”. Ressurreição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis. Conto. Romance. “Qual dos dois?”. Ressurreição.

---

## Texto integral

---

Pretende-se explorar, neste texto, possíveis relações fronteiriças entre “conto” e “romance” em Machado de Assis<sup>2</sup>, a partir de uma leitura de “Qual dos dois?” (1872/73), seguida de breve comparação dessa obra com o romance *Ressurreição* (1872), sendo ambos os textos pertencentes à “primeira fase” do escritor.<sup>3</sup> Não deixemos de pontuar que a ideia de que alguns contos da “primeira fase” machadiana se aproximariam da forma romanesca já foi abordada pela crítica. De acordo com Sílvia Azevedo, por exemplo, as narrativas de *Contos Fluminenses* (1870) seriam estruturadas mais à semelhança de romances do que de contos, e a leitura da coletânea conduziria à desmistificação de paradigmas do romance romântico. Já em *Histórias da meia-noite* (1873) – segunda coletânea de contos de Machado de Assis –, ainda conforme Azevedo, a ironia “depuraria os textos, fazendo-os cada vez mais concentrados na história e, dessa forma, se aproximando mais do conto” (AZEVEDO, 1990, p. 510).

Para a leitura aqui proposta de “Qual dos dois?”, tem-se em vista que a classificação desse texto pode ser percebida como problemática. “Qual dos dois?” foi publicado no periódico *Jornal das Famílias*, e não foi lançado em forma de livro, como um romance. Foi compilado como conto, figurando na seção “Contos avulsos” da obra completa do escritor organizada pela editora Nova Aguilar, e no volume “Histórias românticas” da obra completa publicada pela Jackson. Afirmam os editores da Jackson que esse volume compreenderia “vários dos contos de Machado de Assis, publicados no *Jornal das Famílias* de 1864 a 1876”, e que desse modo o intitularam por lhes parecer que “assim melhor se casaria com outros volumes que o auctor denominou *historias* e não *contos*” (ASSIS, 1946, p. 05). Ao mesmo tempo, “Qual dos dois?” é chamado de “romance” em vários momentos da narrativa.

É possível flagrarmos um problema de categorização em outros textos de Machado de Assis, a exemplo de “Miss Dollar”, primeiro conto de *Contos Fluminenses*, em que, logo de início, diz o narrador: “Era conveniente ao **romance** que o leitor (...)” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 11, grifo nosso). “Qual dos dois?” é uma obra profícua para se debater essa questão, na medida em que tem paralelos significativos com *Ressurreição* – consensualmente estabelecido como o primeiro romance de Machado de Assis –, e que o confronto desses dois textos, apresentado adiante, pode elucidar certos aspectos que levariam à dificuldade de classificação de “Qual dos dois?”.

## 1 Combinação de caracteres: a estrutura de “Qual dos dois?”

“Qual dos dois?” foi lançado sob a assinatura de *J. J.*, um dos pseudônimos de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. O texto ocupa 40 páginas na edição da Nova Aguilar,<sup>4</sup> não chegando a ser tão longo quanto *Ressurreição*, que ocupa 80 páginas na mesma edição. Porém, é possível entendermos que a narrativa foi considerada, ao menos no século XIX, um tanto extensa, na medida em que o *Jornal das Famílias* a publicou ao longo de cinco edições (de setembro de 1872 a janeiro de 1873). Também devemos levar em conta que “Qual dos dois?” pode provocar a sensação de ser extenso por conter 23 seções (sem títulos), número de divisões quase equivalente ao de *Ressurreição*, que possui 24 capítulos. Sendo assim, diante das duas categorias com as quais estamos trabalhando (“conto” e “romance”), e tendo como critério exclusivo a noção corrente de que o conto deve ser curto, em sentido quantitativo (tamanho),<sup>5</sup> possivelmente pensaríamos que “Qual dos dois?” não cabe propriamente nem no padrão do conto nem no do romance. Vejamos, contudo, como o texto está estruturado.

*Grosso modo*, o enredo de “Qual dos dois?” resume-se em que Daniel e Luís cortejam Augusta, mas ela desdenha de ambos, ficando só ao final. Daniel é formado em Direito, e mora com o pai, Marcos, que falece, deixando fortuna ao filho. Luís é deputado e deseja alcançar um cargo político superior, acreditando que com isso conquistaria Augusta. Augusta, por sua vez, era filha da viúva Madalena, irmã de um deputado do norte, o dr. B..., que levara consigo Madalena e a sobrinha para o Rio de Janeiro, local em que “Qual dos dois?” se passa. Devemos mencionar ainda, como participantes da intriga, Valadares, amigo de Daniel, e Amélia Seabra, com quem Valadares se casa.

Embora sejamos informados de aspectos diversos da vida dos personagens (condição financeira, vida familiar), o discurso do narrador – corroborado em alguns momentos pelo dos próprios personagens – leva-nos a crer que o caráter dessas figuras é o que norteia essencialmente a ação.<sup>6</sup> O caráter de Augusta a conduz a refutar seus pretendentes. Esse mesmo caráter é semelhante ao de Daniel, disso resultando que ambos os personagens se atraem, mas igualmente se repelem. Algo similar ocorre a Amélia e Valadares: o caráter parecido dos dois os conduz ao casamento, mas também ao divórcio.

Pormenorizemos de que modo os caracteres dos personagens são dados a conhecer ao leitor e aparecem relacionados entre si na trama. Nos primeiros parágrafos do texto, o narrador diz que não é de se admirar que o “romance do dr. Daniel C...” comece na rua do Ouvidor (Rio de Janeiro), onde “se discutem as grandes e as pequenas coisas”. Esperamos, portanto, que a narrativa se desenvolva em torno de Daniel, que, de acordo com o julgamento do narrador, seria um homem preguiçoso, estando seu “sentimento da preguiça” aliado “a certa filosofia apática”, traduzida na ideia de que o personagem dava tanto valor à “queda de um ministério” quanto à “extinção de um charuto” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1128) – misturando, assim, as coisas “grandes” e “pequenas”, à semelhança do que ocorria nas conversas na rua do Ouvidor. Ao longo do texto, a indiferença de Daniel é

reiterada, somando-se ainda a seu orgulho, em uma reunião de características que o narrador assim justifica: “Se a preguiça, como quer o moralista, destrói todas as paixões, confessemos-lo que o faz lentamente e não de um lance. Daniel ainda tinha em si uma boa dose de orgulho que resistia à ação do elemento dissolvente” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1134-35).

Pontue-se que, a despeito da expectativa criada pelo narrador de que a história se focasse em Daniel, a narrativa acaba se encaminhando para a relação de Augusta com seus pretendentes, e tem por desfecho uma lição moral extraída do comportamento da moça, e não de Daniel. Desse modo, Augusta adquire centralidade em “Qual dos dois?”. Diga-se, a propósito, que o título do texto dá ensejo a que esperemos encontrar na trama um triângulo amoroso, do qual Augusta, responsável por responder à interrogação (qual dos dois?), seria pivô – e, portanto, personagem central.

Retornando à questão dos caracteres, vejamos o que o texto oferece sobre Augusta. De acordo com o narrador, chegada da província, a bela moça, que não era cordata em relação a galanteios, despertara nos rapazes cariocas “dois sentimentos diversos: a fascinação e o terror”, sendo admirada como “se admirava uma bela pantera” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1132). Assim se começa a criar, em torno de Augusta, um campo de impressões que remete ao provinciano, ao não “cidadino”, extrapolado a “selvagem” na imagem da pantera. Acrescente-se a isso que, para o narrador, a personagem teria “no olhar e nas feições um quê de enérgico e severo, que indicava antes um caráter masculino” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1148). O narrador estabelece na figura de Augusta, portanto, um vínculo entre “masculino” e “selvagem”, supondo-se pela lógica que, em sua concepção, “feminino” faria par com “domesticado”. Se considerarmos que, ao final de “Qual dos dois?”, a personagem é condenada por não ter sido esposa nem mãe, o que faria dela “a mulher sem nenhum traço augusto”, poderíamos dizer que, no discurso do narrador, ser mulher (ter caráter “feminino”) é ser mãe e esposa, e ser esposa e mãe (mulher) equivale a uma domesticação.

O que teria impedido Augusta de se casar e gerar filhos teria sido seu caráter orgulhoso – ressaltado pelo narrador no desfecho –, em conjunto com sua postura indiferente em relação aos homens, fruto, segundo o narrador, de “certa frieza de temperamento que a tornava incompetente para os grandes afetos” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1145). Na avaliação de Augusta, orgulho e indiferença seriam aspectos também presentes também em Daniel, sendo esse ponto de contato entre ambos o que a teria feito se apaixonar pelo rapaz: “Só aquele orgulho misturado de indiferença podia domar a minha indiferença e meu orgulho” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1165). Ao mesmo tempo, essas mesmas características os afastam: quando Daniel “cede” e vai procurar Augusta, ela se mantém distante; quando ele desiste, Augusta “cede” e o pede em casamento, mas Daniel refuta.

Diante dessa atitude de Daniel, Augusta recorre a Luís, reacendendo as esperanças do moço, que já havia lhe proposto matrimônio, e fora recusado. Luís, contudo, ao final dispensa Augusta, pois, ao escutar um diálogo entre sua amada e Amélia, descobre que Augusta era-lhe indiferente, estando disposta a se unir a ele apenas porque fora repelida por Daniel (a quem na verdade amava), e porque desejava fugir de outros pretendentes. Luís é, portanto, o “plano B” de Augusta.

Diga-se, a propósito, que esse papel ao qual foi relegado é condizente com a postura de superioridade da moça frente a ele, marcada pelo narrador na passagem: “[Augusta] Parecia ter pena dele [de Luís]. Quando este lhe falava, ela respondia com bondade e doçura, mas a doçura e a bondade de quem trata com um inferior, o que contrastava com o respeito do namorado político” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1137).

Sendo assim, Luís sequer chega a competir com Daniel por Augusta, de modo que uma leitura de “Qual dos dois?” como a história de um triângulo amoroso ficaria prejudicada. Possivelmente, estaremos em maior sintonia com a narrativa se entendermos que ela se estrutura a partir da comparação do casal central Augusta/Daniel com o casal Amélia/Valadares, tendo em vista o resultado da combinação dos caracteres desses pares.

Em sua apresentação de Valadares, diz o narrador: “Eu diria que era um dândi, se a novíssima expressão francesa *petit crevé* não correspondesse melhor ao tipo” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1129). Na sequência, somos informados de que o personagem romperia com a “cortesã” Luísa, pois estava prestes a esposar, por interesse, Amélia. Essa união dá ensejo à seguinte fala do narrador, que refletiria também a opinião de Daniel sobre o amigo: “Valadares tinha chegado naquele ponto em que se bifurca a estrada da vida de um estróina: de um lado, o casamento de conveniência, do outro a perdição completa. É difícil naquela situação encontrar uma mulher que se disponha a dar a mão ao estróina; achou-a Valadares” (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1135).

De acordo com o discurso do narrador, Valadares teria conseguido encontrar a noiva e futura esposa porque também Amélia não decidira se unir por afeição:

Amélia casara com Valadares como casaria com outro qualquer; simples mudança de estado. Comprou a liberdade sob a forma de uma prisão. Contratou um braceiro para os dias em que lhe conviesse sair a pé; e um protetor para abrigar a sua existência, a sua reputação. Com estas condições, qualquer noivo lhe servia. O que estava mais à mão foi o escolhido. (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1143).

Sendo Valadares um “*petit crevé*”, vestindo roupas da moda e, nos termos do narrador, frequentando “*bourdoirs*” – dois hábitos que são pontuados ao longo da narrativa –, podemos supor que o casamento de conveniência representaria para o personagem uma forma de manter seu estilo de vida (o que de fato ocorre depois que se casa com Amélia) sem ser visto como um “perdido” pela sociedade (pois, afinal, ele seria um “homem casado”). Algo similar se daria com Amélia: seu casamento lhe propiciaria, nas palavras do narrador, a “liberdade de arruar” – em ressonância com o estilo de vida de Valadares – sem perder a “boa reputação”.

É possível que essa disposição para “liberdades” seja o que Daniel entende pelo caráter “frívolo” de Valadares e de Amélia, tal como classifica ao abordar o divórcio do casal: “Eu já contava com isso [...] Dizem que dois gênios iguais não



fazem liga; parece que o adágio é certo, visto que vocês ambos eram o tipo da frivolidade..." (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1159). Se é assim, a "frivolidade" de Valadares e de Amélia, que os teria conduzido ao matrimônio, seria também responsável por sua separação, na medida a mesma "frivolidade" não teria permitido a ambos criarem os laços dos quais não poderiam prescindir, conforme o narrador:

Não tardou que o aborrecimento viesse sentar-se no lugar que o amor não ocupava; em vez de dois entes unidos por um grande sentimento achavam-se como dois condenados ligados pela mesma calceta, com a diferença que a comunhão do infortúnio e do crime estabelece certa simpatia entre os dois condenados, a qual debalde se procuraria entre Valadares e a filha de Seabra. (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1143).

Em vista do exposto, a vivência de Amélia e Valadares no que concerne ao casamento ecoaria na história de Augusta e Daniel, servindo de "reforço" à ideia de que o casal central destinava-se ao fracasso. Se, no caso do primeiro par, a junção de personagens com o mesmo "mau" caráter – frívolo – resultou em uma união malfadada, igual desenlace estaria previsto para Augusta e Daniel, se acabassem se unindo, dado que os dois, orgulhosos e indiferentes, compartilhariam, de modo similar a Amélia e Valadares, um "mau" caráter.

É preciso considerar, ainda, que há paralelismo não só no arranjo casal/casal, mas também em outras combinações dos elementos que compõem as duplas. Tanto Augusta quanto Amélia fogem do enquadramento social esperado das mulheres: a "selvagem" Augusta não consegue ser esposa e mãe; a licenciada Amélia não consegue sustentar seu casamento. Por seu turno, Daniel, embora condene Valadares, aproxima-se dele, na medida em que os dois personagens (bem como Augusta e Amélia) têm relações problemáticas com o casamento: a frivolidade de Valadares o conduz a não criar os laços necessários ao matrimônio, assim como a indiferença e o orgulho de Daniel fazem dele um homem voltado para si mesmo, e por isso igualmente resistente a construir laços, como indica o narrador: "Daniel era mais que tudo um homem extremamente pessoal. O casamento impor-lhe-ia uma preocupação que ele não queria ter; quanto aos prazeres do lar doméstico, eram coisa frívola para ele" (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1135).

Frente ao quadro traçado, observamos que "Qual dos dois?" busca apreender personagens às voltas com o matrimônio, mobilizando-os no sentido de asseverar que aqueles que dispõem de "más" características associam-se a pessoas iguais, disso resultando que não conseguem assumir ou manter um casamento. A narrativa visa, no limite, a atingir Augusta, que se encaixaria nessa descrição. Segundo o narrador, porém, Augusta seria "um desses tipos raros, extravagantes" (ASSIS, 2008, v. 2, p. 1166). A ideia de que somente alguém "extravagante" se tornaria incapaz de casar aparece também em *Ressurreição*, mas dessa vez o personagem responsável por nos encaminhar a tal conclusão é um homem, Félix. Outro ponto fundamental que aproxima "Qual dos dois?" e *Ressurreição* é o fato de que ambos se estruturam a partir da combinação de caracteres, que serve de apoio

ao discurso do narrador sobre os personagens e suas relações com o matrimônio; essa “combinação”, entretanto, apresenta diferenças significativas nos dois textos, cuja comparação pode indicar questões importantes para se refletir sobre o estatuto de “Qual dos dois?”.<sup>7</sup>

## 2 “Qual dos dois?": ensaio de romance?

Para a abordagem da noção de “conto”, recorreremos às ideias de Júlio Cortázar sobre o tema. Segundo o autor, o conto aglutinaria uma realidade maior do que seu argumento, e desse modo tenderia a condensar tempo e espaço. É possível dizer que a essa condensação se vincularia aquilo que Cortázar entende por “intensidade” do conto, ou seja, em suas palavras, a “eliminação de todas as ideias ou situações intermediárias, de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite e mesmo exige” (CORTÁZAR, 2006, p. 157).

A seguirmos essa lógica, poderíamos assumir que o romance inclina-se a desenvolver os diversos aspectos dos objetos que procura capturar, no lugar de condensá-los. Depreende-se da obra de Lukács (1983) que essa seria uma característica daquilo que o autor entende por intenção de “totalidade” do romance. Abordando o romance e a *short story*, ele afirma:

A specific form, a genre must be based upon a specific truth of life. [...] Tragedy and comedy have a different relationship to reality and for this reason a different method of organizing action and characterization etc. The same applies to the novel and short story. The difference in extent is simply the result of a difference in aim, and there are sometimes border-line cases where a long short story is more extensive than a short novel. [...] The real distinguishing mark of the short story is that it does not aim to portray life as a totality. For this reason its form is appropriate to very specific connections of life, e.g. the role of chance. (LUKÁCS, 1983, p. 241).<sup>8</sup>

Levando em conta essas noções, comparemos “Qual dos dois?” e *Ressurreição*.

Em *Ressurreição*, Félix é o herói cujo caráter, conforme o discurso do narrador, seria composto por aspectos contrários que não se compatibilizariam, tornando o personagem pusilânime e desconfiado. A desconfiança e a fraqueza de Félix o teriam conduzido a sentir ciúmes infundados de Lívia e a não ter forças para concretizar o casamento com ela. Retome-se, a propósito, que a dificuldade de Félix com o matrimônio é fruto de uma excentricidade (seu caráter desarmônico), bem como no caso da “extravagante” Augusta de “Qual dos dois?”.

A viúva Lívia, ao contrário de Félix, seria confiante “por natureza”; contudo, no contraste de seu caráter com o do herói, sucumbe, desistindo de se casar novamente. Em contrapartida, o também confiante Meneses, embora tenha sido

recusado por Livia, não se furta a tentar um novo relacionamento, e acaba se casando com Raquel, que gostava de Félix, mas – como Meneses – passara pela decepção de não ser correspondida.

Notamos, aqui, que *Ressurreição* procura explicar a possibilidade de união dos personagens pelo cruzamento de seus caracteres, e contrapõe o par central a outro par, à semelhança de “Qual dos dois?”. Porém, diferentemente do que ocorre nessa segunda narrativa, os casais confrontados não se espelham, mas contrastam entre si. Assim, se, em “Qual dos dois?”, o recurso do pareamento funciona como reforço da história do casal principal (a situação de Amélia e Valadares seria correspondente à de Augusta e Daniel), em *Ressurreição*, esse recurso é usado como contraponto (o desconfiado Félix não consegue se casar – e faz com que até mesmo a confiante Livia desista dele –, ao passo que o confiante Meneses supera seu desapontamento – à semelhança de Raquel – e realiza matrimônio). Desse modo, *Ressurreição* trabalha com mais variantes em sua “estrutura comparativa” do que “Qual dos dois?”.

Além disso, *Ressurreição* não põe em jogo apenas os casais Félix/Livia e Meneses/Raquel, cujas relações se desenrolam em associação (visto que Meneses era apaixonado por Livia e Raquel por Félix). Mais personagens participam da trama, recebendo quase sempre maior atenção do que as figuras secundárias de “Qual dos dois?”. A maioria deles forma casais (à exceção do irmão e do filho de Livia, e dos escravos, esses últimos apenas mencionados na narrativa): temos Cecília e Moreirinha, dois “irresponsáveis” – como Amélia e Valadares de “Qual dos dois?” – que se envolvem no decorrer da história, e os pares já casados Dona Matilde/coronel Moraes e Clara/Luís Baptista.

É importante considerar que, de acordo com a premissa do narrador do romance, o casamento seria um benefício incontestável – refutado apenas por um excêntrico como Félix –, e, portanto, levaria à felicidade não conquistada pelo herói, que permanece solteiro. Dessa forma, a relação de Cecília e Moreirinha, que não resulta em casamento e leva Moreirinha à ruína, funciona como exemplo de que os relacionamentos à margem do matrimônio fracassariam. Por outro lado, Dona Matilde, o coronel, Clara e Luís Baptista, todos felizes, segundo o narrador, ilustrariam a felicidade obtida pelo casamento, anunciada para Meneses e Raquel e impedida para Félix e Livia. No entanto, neste ponto *Ressurreição* se complica: no intento de esmiuçar os movimentos internos dos personagens, o narrador acaba revelando, nas entrelinhas de seu discurso, que essa seria uma “felicidade” comprada ao custo da resignação de Clara e de Dona Matilde quanto à traição de seus maridos.

Abrangendo mais personagens, *Ressurreição* não se resume ao “contraste de dous caracteres”, indicado por Machado de Assis no prefácio (ASSIS, 1977, p. 61), não se restringindo às consequências do confronto desconfiado/confiante, nas quais estão envolvidos Félix, Livia, Meneses e Raquel. Já em “Qual dos dois?”, a trama se “fecha” na exposição e na resolução do conflito de Augusta em relação a Daniel e a Luís e de Amélia em relação a Valadares.

Outra questão importante na abordagem das duas narrativas é o vínculo entre o caráter e o comportamento dos personagens. Em “Qual dos dois?”, o



entendimento de que Augusta e Daniel são orgulhosos e indiferentes e Amélia e Valadares são frívolos devido a seus caracteres não é posta em debate. Em *Ressurreição*, no entanto, embora o narrador explique a conduta dos personagens pelo “caráter”, que se depreende ser no romance uma constituição psicológica estável (assim como em “Qual dos dois?”), e que é apresentado quase como sinônimo de “natureza”, os próprios personagens nem sempre se valem dessa explicação. Lívia compartilha a ideia de que suas ações seriam fruto de sua “natureza”; Meneses, por sua vez, crê que as ações variariam conforme as circunstâncias – daí a “confiança” que o narrador lhe atribui; e Félix acredita que sua desconfiança devia-se a decepções passadas e, assim, a seu percurso individual – mas o narrador “corrige” esse ponto de vista, reafirmando a noção de que o caráter do herói seria responsável por sua conduta. Há, portanto, divergências entre as perspectivas de personagens e narrador, algo que não aparece em “Qual dos dois?”.

Por fim, acrescentemos que, em “Qual dos dois”, o desenvolvimento das ações dos personagens reduz-se aos eventos que se quer apreender (perdendo Augusta seus dois pretendentes, e se separando Amélia de Valadares, conclui-se a história), ao passo que, em *Ressurreição*, as ações dos personagens são refletidas no tempo. No primeiro capítulo do romance (“No dia de ano bom”), o narrador anuncia que a história que irá contar ocorrera há dez anos e, no último (“Hoje”), promove um balanço do estado dos principais personagens contrastados no romance, passado esse tempo.

Nesse balanço, ele confirma a felicidade “preconizada” para Raquel e Meneses por meio do casamento, e menciona também a morte do coronel Morais e Dona Matilde, pais de Raquel, aproveitando para ratificar a felicidade obtida em vida pelo casal: “foram continuar na eternidade a doce união que os distinguira nesse mundo” (ASSIS, 1977, p. 179). Lívia, segundo o narrador: “Não esqueceu até hoje o escolhido de seu coração, e à proporção que volvem os anos, espiritualiza e santifica a memória do passado”. Para isso, conta com a companhia do filho, “consolo e companhia de sua velhice” (ASSIS, 1977, p. 179). Quanto a Félix, permanecera “essencialmente infeliz” (ASSIS, 1977, p. 180).

Retomando as questões levantadas, podemos dizer que *Ressurreição* desdobra mais aspectos dos objetos por ele abrangidos do que “Qual dos dois?”. *Ressurreição* contempla mais variantes na comparação dos caracteres, pondo em jogo não só os similares, mas também os opostos. A obra também integra ao enredo mais personagens do que “Qual dos dois?”, e amplia nossas percepções sobre essas figuras, na medida em que contrasta a explicação do narrador para suas atitudes com as explicações dos próprios personagens (em “Qual dos dois?”, os julgamentos são invocados apenas ao corroborarem com os do narrador), e em que coloca as ações dos personagens em perspectiva temporal.

Assim, considerando as reflexões teóricas anteriormente abarcadas, digamos que “Qual dos dois?” pode ser visto como um texto mais “condensado”, que desenrola menos os aspectos de seu objeto do que o faria um romance, relativamente a *Ressurreição*. Nesse quadro, não seria desprovido de sentido aproximar “Qual dos dois?” do “conto” – como fizeram os editores da Aguilar e da Jackson –, a despeito do fato de que o autor o denomina “romance”.

Subsiste, porém, o problema do motivo pelo qual Machado de Assis adotou a classificação de “romance” para “Qual dos dois?”. Imagino, levando em conta que esse texto e *Ressurreição* foram publicados quase na mesma época, que o escritor talvez estivesse, naquele período, “ensaiando” seu primeiro romance, podendo ser “Qual dos dois?” um de seus textos produzidos como “ensaio” – assim como, possivelmente, o próprio *Ressurreição*, que, conforme Machado de Assis afirma no prefácio da obra, seria um “ensaio em gênero novo” para ele (ASSIS, 1977, p. 59).<sup>9</sup> O autor optou, contudo, por lançar como romance de estreia *Ressurreição*, talvez por considerar que nele encontrara a fórmula mais apropriada às demandas do “gênero novo” que queria empreender.

## Notas

<sup>1</sup> Agradeço à FAPESP pela bolsa concedida.

<sup>2</sup> Agradeço à Profa. Dra. Regina Pontieri, por ter inspirado questionamentos teóricos que motivaram o desenvolvimento deste texto.

<sup>3</sup> Conforme consolidado pelos críticos, as publicações de Machado de Assis anteriores a *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) pertenceriam à “primeira fase” do autor. Vale mencionar que a divisão da obra machadiana em duas fases tem sido discutida pela crítica, a exemplo do que vemos neste excerto: “Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado como um todo coerentemente organizado, percebendo que certas estruturas primárias e secundárias se desarticulam e se rearticulam sob forma de estruturas diferentes, mais complexas e mais sofisticadas, à medida que seus textos se sucedem cronologicamente.” (SANTIAGO, 2006, p. 429).

<sup>4</sup> Trata-se da edição consultada para a redação deste texto.

<sup>5</sup> Essa questão é abordada por Magalhães Júnior, como se vê na passagem: “Uma das formas mais simplistas para distinguir entre o conto e o romance é a que toma como ponto de referência a extensão de um e de outro. Em face de tal critério, uma história longa é um romance. Se é breve, é um conto. Se é de tamanho médio, é uma novela.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1972, p. 11).

<sup>6</sup> De acordo com o argumento do texto, “caráter” corresponde a uma constituição psicológica estável, que determina o comportamento dos personagens.

<sup>7</sup> As questões que serão abordadas sobre *Ressurreição* foram desenvolvidas mais detalhadamente em Herane (2011).

<sup>8</sup> Uma forma específica, um gênero deve se basear em uma verdade específica da vida. [...] A tragédia e a comédia têm uma relação diferente com a realidade e, por essa razão, um método diferente de organizar ação e caracterização etc. O mesmo se aplica ao romance e à *short story*. A diferença de extensão é simplesmente resultado de uma diferença de propósito, e há às vezes casos-limite em que uma *short story* longa é maior do que um pequeno romance. [...] A verdadeira marca distintiva da *short story* é a de que ela não intenta retratar a vida como totalidade. Por essa razão sua forma é apropriada para conexões muito específicas da vida, por exemplo, o papel do acaso. (Tradução nossa. Por não ter correspondente exato em português, a expressão “short story” foi mantida sem tradução).

<sup>9</sup> Essa ideia pode remeter à leitura de John Gledson do texto machadiano “A parasita azul” (1872). Para o crítico, esse conto seria um “rascunho” do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (GLEDSON, 2006; 2008).

---

## Referências

---

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Historias Românticas**. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1946. (Obra completa, 13).

\_\_\_\_\_. **Machado de Assis**: obra completa em quatro volumes. Organização de Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio e Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

\_\_\_\_\_. **Ressurreição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. 180 p

AZEVEDO, Sílvia Maria. **A trajetória de Machado de Assis**: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros. 1990. 736 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

CORTÁZAR, Júlio. Alguns aspectos do conto. In: \_\_\_\_\_. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa; organização de Haroldo de Campos e Davi Arriguci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 147-163. (Debates, 104).

GLEDSON, John. 1872: “A parasita azul” – Ficção, nacionalismo e paródia. **Cadernos de Literatura Brasileira**, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 23/24, p. 163-218, jul./ 2008.

\_\_\_\_\_. O machete e o violoncelo: introdução a uma antologia de contos de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 35-69.

HERANE, Amanda Rios. **Memória das Ilusões**: um estudo de Ressurreição, primeiro romance de Machado de Assis. 2011. 113 f. (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LUKÁCS, Georg. **The historical novel**. Boston: Beacon Press, 1983. 363 p.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. Origem e Natureza do Conto. In: \_\_\_\_\_. **A arte do conto**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1972. p. 08-23.

SANTIAGO, Silviano. Jano, Janeiro. **TERESA – Revista de literatura brasileira**, São Paulo: Editora 34, n. 6/7, p. 429-452, 2006.

---

## Para citar este artigo

---

HERANE, Amanda Rios. “Qual dos dois?": Machado de Assis entre conto e romance. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 237-247, mai.-ago. 2014.

---

## A autora

---

**Amanda Rios Herane** é doutoranda na área de Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.